



Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



Desigualdades e Pandemias

As dimensões do impacto do novo coronavírus nas sociedades são variadíssimas e complexas, e estão em constante evolução enquanto vivemos esta crise pandémica. Em termos de saúde pública, os números dizem muito, mas têm de ser vistos à luz de muitos outros fatores, dos quais os económicos começaram logo a sobressair, como causas.

Isto acontece em todo o mundo, mas é especialmente premente no país que se apresenta há séculos como o farol da democracia e a terra da oportunidade: os Estados Unidos, país pejado por desigualdades salariais, condições precárias de habitação e entraves no acesso aos cuidados de saúde, o que torna os pobres mais vulneráveis.

Para o mal de muitos, a economia americana baseia-se no lucro, puro e duro, de costas viradas para as necessidades dos cidadãos. E a desigualdade económica é exacerbada pelo racismo. Em Milwaukee, a cidade mais segregada dos EUA, situada perto de Minneapolis, onde George Floyd foi morto, o desemprego entre a população negra é quatro vezes superior ao dos brancos, e os infetados pelo coronavírus são na maioria homens negros.

Os pobres, mais vulneráveis ao vírus por sofrerem de males ligados à diabetes, hipertensão, e doenças cardíacas e pulmonares, asseguram os empregos e serviços que os põem em maior contacto com o público, resultando em maior risco. Atualmente, quatro pessoas em cinco vivem de salário em salário, e 40% diz que não pode fazer face a uma despesa inesperada de \$400. É esta a América de hoje. ♦

Racismo e anti-fascismo - 5ª Ação Internacional da Marcha

A webinar de 24 de junho, sobre Racismo e anti-fascismo pode ser vista no Facebook da Marcha Mundial de Mulheres Portugal...

CLARISSE CANHA
UMAR.Açores

Em 2020 a Marcha Mundial de Mulheres (MMM) celebra os seus 20 anos enquanto movimento internacional.

No primeiro debate de cariz mundial no âmbito da 5ª Ação Internacional da Marcha, (2020) o tema foi a Soberania Alimentar. Neste segundo debate, a 24 de Junho, a Marcha Mundial de Mulheres Portugal, apostou no tema Racismo e anti-fascismo.

Esta Webinar contou com Ativistas de diferentes regiões: Janvieve Williams Comrie (New York, EUA); Cristina Rolão (Lisboa, Portugal); Elaine



Monteiro, Brasil; e Graça Samo, Moçambique, (Secretaria do Internacional da MMM).

A dinamização esteve a cargo de Lídia Fernandes e a organização da Marcha Mundial de Mulheres Portugal.

"A nossa 5ª ação que decorre em

2020, é um apelo à confrontação, a partir da perspectiva das lutas das mulheres, com a progressão das forças da extrema direita que articulam conservadorismo e neoliberalismo, ameaçando a vida e a democracia.

Não obstante as dificuldades

que hoje enfrentamos, sabemos bem como é fundamental construir solidariedade feminista, mesmo na distância física: fazemo-lo há 20 anos e hoje, neste contexto de crise pandémica.

Sendo mais difícil a realização de encontros e ações internacionais, a MMM de Portugal e da Galiza tomaram a iniciativa de realização de uma série de webinars para aprofundar reflexão estratégica que alimente as respostas feministas nestes tempos pandémicos. Pretendemos assim continuar tecendo redes na construção de alternativas reais e transformadoras.

No primeiro discutimos o papel crucial da reivindicação e construção de práticas assentes na soberania alimentar em tempos pandémicos.

Pretendemos agora discutir o racismo e anti-fascismo." ♦

Ver Facebook Marcha Mundial de Mulheres Portugal

Junho 2020

Janela sobre o passado...

Ao longo do século XIX, apesar do conservadorismo da sociedade portuguesa, algumas mulheres distinguiram-se pelas atividades que desempenharam, fora dos quadros e referências habituais, inerentes ao universo feminino. Um exemplo é o de D. Antónia Adelaide Ferreira, conhecida como a Ferreirinha (1811-1896). Por ter ficado viúva muito nova, com um casal de filhos a seu cargo, tornou-se uma empresária de sucesso, na área da produção e venda de vinho do Porto, assumindo a liderança da Casa Ferreira, fundada pelo seu avô. Apesar de ter nascido numa família abastada, veio a lutar contra muitas dificuldades, quer por falta de apoios governamentais, quer pelas doenças que atingiram as vinhas. Ainda assim, nunca desistiu dos seus objetivos, introduzindo importantes inovações e ajudando os trabalhadores, bem como outras obras beneficentes. O seu empreendedorismo e espírito inovador, permitiram que evitasse que as suas propriedades passassem para as mãos de ingleses e, quando faleceu, deixou uma fortuna considerável e cerca de 30 quintas na região do Douro.



SUSANA
SERPA SILVA

Outro exemplo de modernidade é o de Aurélia de Sousa (1866-1922) que, segundo o historiador José-Augusto França, foi verdadeiramente a primeira pintora portuguesa, (embora não a única do seu tempo), uma vez que viveu do seu talento e trabalho. Filha de emigrantes lusos no Brasil e Chi-

le, regressou a Portugal com apenas 3 anos e começou a estudar pintura aos 16, na Academia de Belas-Artes do Porto. Também estudou em Paris e recebeu influências de pintores e intelectuais franceses. Foi nesta cidade que realizou as primeiras exposições, revelando uma especial apetência por motivos florais, num estilo naturalista, com laivos impressionistas. Além das pintoras, de entre as quais podemos referir Leopoldina Maia Pinto, Maria Augusta Bordalo Pinheiro e Josefa Greno (de origem andaluza), podemos também salientar, como representantes de mulheres independentes e dedicadas a uma carreira, as atrizes de teatro, nomeadamente do Teatro Nacional D. Maria II, como Rosa Damasceno, Emília das Neves (filha de pai terceirense) e Carolina Falco. Esta chegou a atuar em Ponta Delgada, nos



Aurélia de Sousa
junto do seu
autorretrato.

Fonte: <https://becastanheiradepera.blogs.sapo.pt/aurelia-de-sousa-1866-1922-593874>

anos 70 do século XIX, na companhia do ator Cesar de Lacerda. Ambos eram nomes importantes da dramaturgia nacional e, segundo constava, com alguma reputação no estrangeiro.

Contra um discurso e uma mentalidade dominantes, que elogiavam e defendiam a mulher recatada e dedicada ao lar e à família, muitas mulheres das classes mais elevadas "(...) saíam, viajavam, exigiam instrução, manifestavam uma intensa 'vontade de saber', enfim, questionavam o seu lugar na sociedade", como afirma Irene Vaquinhas (2000: 16). Por tudo isto, ainda no século XIX, à semelhança de outros países europeus e dos EUA, algumas mulheres portuguesas anunciaram os primeiros movimentos feministas e sufragistas, que vieram a atingir maior projeção durante a Primeira República. ♦

susana.pf.silva@uac.pt